

GEOGRAFIA:
Ambiente,
Educação e
Sociedades –
GeoAmbES



ARTIGO

HÁ LUGAR PARA UM FEMINISMO PÓS-COLONIAL? BETUXA, CIDÁLIA, ESMERALDA, ESTER, FÁTIMA, ISA, HENRIQUETA, MARIA LÚCIA, RENATA E ZUMURRUD E AS SUAS ARTES DE PENSAR DE MUITAS MANEIRAS A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES

Is there room for a postcolonial feminism? Betuxa, Cidalia, Emerald, Esther, Fatima, Isa, Henriqueta, Maria Lucia, Renata and Zumurrud and their thinking in many ways the emancipation of women

¿Hay espacio para un feminismo poscolonial? Betuxa, Cidalia, Esmeralda, Esther, Fátima, Isa, Henriqueta, María Lucía, Renata y Zumurrud y su pensamiento en muchos sentidos la emancipación de la mujer.

Teresa Cunha

Investigadora sénior do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Orienta em vários Cursos de Doutoramento; co-coordena a publicação 'Oficina do CES', os ciclos do Gender Workshop. Coordena a Escola da Inverno 'Ecologias Feministas de Saberes' e o Programa de Investigação Epistemologias do Sul. É professora-adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Superior Politécnico de Coimbra e investigadora associada do CODESRIA e do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique. Em 2017, foi agraciada com a Ordem de Timor-Leste pelo Presidente da República Democrática de Timor-Leste.

E-mail: teresacunha@ces.uc.pt

Como citar este artigo:

CUNHA, Teresa. Há lugar para um feminismo pós-colonial? Betuxa, Cidália, Esmeralda, Ester, Fátima, Isa, Henriqueta, Maria Lúcia, Renata e Zumurrud e as suas artes de pensar de muitas maneiras a emancipação das mulheres. In **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, Jan./Jun. vol. 3, n. 1, p. 165–181, 2020. ISSN 25959026.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 3, número 1 (2020)

ISSN 25959026

Há lugar para um feminismo pós-colonial? Betuxa, Cidália, Esmeralda, Ester, Fátima, Isa, Henriqueta, Maria Lúcia, Renata e Zumurrud e as suas artes de pensar de muitas maneiras a emancipação das mulheres

HÁ LUGAR PARA UM FEMINISMO PÓS-COLONIAL? BETUXA, CIDÁLIA, ESMERALDA, ESTER, FÁTIMA, ISA, HENRIQUETA, MARIA LÚCIA, RENATA E ZUMURRUD E AS SUAS ARTES DE PENSAR DE MUITAS MANEIRAS A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES

Is there room for a postcolonial feminism? Betuxa, Cidalia, Emerald, Esther, Fatima, Isa, Henriqueta, Maria Lucia, Renata and Zumurrud and their thinking in many ways the emancipation of women

¿Hay espacio para un feminismo poscolonial? Betuxa, Cidalia, Esmeralda, Esther, Fátima, Isa, Henriqueta, María Lucía, Renata y Zumurrud y su pensamiento en muchos sentidos la emancipación de la mujer.

Resumo

Neste trabalho procuro ensaiar e dar corpo ao conceito de aprender com o Sul, no sentido de encontrar *outros* ângulos de compreensão e de teorização sobre feminismos e a emancipação das mulheres, exercitando uma epistemologia pós-colonial. Com base no trabalho de campo realizado em Moçambique, Portugal e Timor-Leste nos últimos 15 anos com vendedeiras e lideranças femininas dos mercados informais e de associações de base popular, tenho como objectivo discutir aquilo que designo pela poli-racionalidade da emancipação das mulheres.

Palavras-chave: Feminismo. Moçambique. Pós-colonialismo. Portugal. Timor-Leste.

Abstract

In this paper I try to rehearse and embody the concept of learning from the South, in order to find other angles of understanding and theorizing about feminisms and the emancipation of women, exercising a postcolonial epistemology. Based on the field work carried out in Mozambique, Portugal and Timor-Leste over the past 15 years with female saleswomen and leaders from informal markets and grassroots associations, I aim to discuss what I call the multi-rationality of women's emancipation.

Key words: Feminism. Mozambique. Postcolonialism. Portugal. Timor-Leste.

Resumen

En este artículo trato de ensayar y encarnar el concepto de aprender del Sur, para encontrar otros ángulos de comprensión y teorización sobre los feminismos y la emancipación de las mujeres, ejerciendo una epistemología poscolonial. Basado en el trabajo de campo llevado a cabo en Mozambique, Portugal y Timor-Leste durante los últimos 15 años con mujeres vendedoras y líderes de mercados informales y asociaciones de base, mi objetivo es discutir lo que llamo la racionalidad múltiple de la emancipación de las mujeres.

Palabras clave: Feminismo. Mozambique. Poscolonialismo. Portugal Timor-Leste.

Introdução

Conhecer é uma operação de profunda reflexão e de auto-reflexividade. A meu ver, conhecer apresenta dois movimentos e duas dificuldades respectivas. Por um lado, representa um movimento de internalização do que é apreendido do real; é pensar sobre o que se lê, experimenta, realiza, se descobre e se aprende. A dificuldade é a exigência de um constante escrutínio pessoal, ou seja, uma elevada capacidade crítica e analítica para que a reflexividade não se transforme em *apenas mais uma* descrição do óbvio. O segundo movimento, defino-o como um exercício de apropriação, de organização, criatividade e de produção de inéditos.

E é nesse intento que este texto apresenta a pluri-versalidade de projectos de emancipação ou de *conseguintos* emancipatórios das mulheres coloca-me um conjunto de questionamentos que pretendo reflectir e tematizar: a) O que fazer com a pretensão de uma teoria universal da emancipação das mulheres com base no atávico e planetário patriarcado?; b) Como lidar, sem desperdiçar a herança e subversão que aí também está contida, com as categorias gerais da emancipação das mulheres e o processo narrativo que lhe corresponde?; c) Procurar, reconhecer e pensar, como emancipatórias, experiências díspares, diferentes, não-alinhadas, demasiado locais, demasiado biográficas não pode resultar numa fractura conservadora e de reforço da hegemonia masculina?

A reflexão sobre estes três questionamentos suscita-me um ensaio teorizador com base nas seguintes ferramentas: a) Uma *Sociologia dos Resgates* que pensa o lugar do passado no presente e a ecologia da enunciação da emancipação - porque esta tem que ser compreensível, concreta e resultar na felicidade das pessoas; b) Uma *Sociologia da Ambiguidade* que sustente e suporte percursos e projectos desalinhados e incertos quanto aos métodos e aos resultados; c) Uma *Sociologia das Caixas de Ressonância* que pensa as formas de amplificação de cada uma das vozes e gritos para que nenhuma pessoa se possa sentir desamparada; procura formas e teares simbólicos, imateriais e físicos de união, cooperação, questionamento e compaixão.

Neste sentido, reflectir é um exercício autoral que marca, indelevelmente, o conhecimento sem o tornar exclusivo e excludente mas mantendo o seu carácter profundamente relacional e comunicativo. A dificuldade está em saber devolver o reflectido, isto é, saber como torná-lo inteligível, útil e significativo para o auditório que o recebe. O conhecimento, reflexivo e auto-reflexivo não é, pois, um acto solipsista da mente mas uma apropriação

criativa, um aumento da consciência da complexidade da produção dos saberes que não evita a indeterminação, o contingente de subjectividades, as mito-biografias e os riscos de uma economia de interpretação que subjaz ao acto de definir e conceptualizar. A auto-reflexividade é uma das componentes crítica dos nossos *lugares de enunciação*; é uma possibilidade fecunda de aumentar a objectividade ampliando os campos de confrontação e de argumentação uma vez que se admite a intrusão e a presença do observado, do emocional, daquilo que faz parte, enfim, da *corrente quente* do pensamento (SANTOS, 2007, p.58).

Sendo as minhas raízes coloniais, as opções deste trabalho são pós-coloniais pois sabem da sua incompletude, da potencial violência epistémica exercida sobre quem ainda não exerceu o poder de suspender a minha memória para a criticar, limitar e amplificar com a sua própria, com os seus conhecimentos e com a maneira como quer e pensa ser apropriado comunicá-los. A minha abordagem sendo qualitativa não pretende realizar generalizações, inferir tendências aplicáveis a uma realidade social tão complexa e vasta como é o campo da emancipação das mulheres. Pelo contrário, a minha opção é trabalhar na intensidade que as narrativas e as reflexões de que elas são epifanias, trazem para o conhecimento e para a problematização dos tópicos em discussão neste trabalho. Nesta apresentação procuro ensaiar e dar corpo ao conceito de *aprender com o Sul*, no sentido de encontrar *outros* ângulos de compreensão e de teorização sobre feminismos e a emancipação das mulheres, exercitando, o quanto possível, uma epistemologia feminista pós-colonial.

Com base no trabalho de campo realizado em Moçambique, Portugal e Timor-Leste nos últimos 15 anos com vendedeiras e lideranças femininas dos mercados informais e de associações de base popular, tenho como objetivo reflectir sobre aquilo que designo pela poli- racionalidade e pluri-versalidade da emancipação das mulheres, ou, por outras palavras, dos conseguimentos emancipatórios das mulheres. Esta discussão remete-me para um conjunto de questionamentos que pretendo enunciar e argumentar aqui, ainda que, necessariamente, de uma forma muito breve.

Em primeiro lugar, colocar a seguinte pergunta, parece-me como crucial: Quem e como se define o que é uma mulher emancipada, ou melhor, em que termos se dá a emancipação das mulheres individual e colectivamente?

Em segundo lugar, há uma outra pergunta que se impõe: A emancipação das mulheres é, ou não, uma contra-narrativa ao poder dito atávico e planetário do patriarcado?

Finalmente, é-me suscitada uma questão sensível e difícil: Procurar, reconhecer e pensar como emancipatórias, experiências díspares, diferentes, não-alinhadas, demasiado locais, demasiado biográficas não pode resultar numa fractura conservadora do acervo mundial da emancipação das mulheres e, portanto, do reforço da hegemonia masculina que prevalece ainda?

Não é meu propósito neste trabalho definir ou limitar o conceito de emancipação, e, em particular, a emancipação das mulheres. Para tal reservo-me a certeza do extenso património conceptual, representativo e imagético com que cada uma e cada um percebe e critica esta reflexão. Porém, a pergunta mantém -se: como e quem define o que é uma mulher emancipada? Todas as pessoas têm, com certeza, imagens, representações do que é ou o que pode ser uma mulher emancipada ou uma sociedade onde as suas mulheres se julgam e são emancipadas. A nossa imaginação sociológica contemporânea sobre a emancipação das mulheres está repleta de ícones, imagens, comportamentos ideais e clichés.

O ‘Movimento pela Aprovação da Lei contra a Violência Doméstica’ (2008, p. 5) de Moçambique afirma que:

Hoje em dia, nós as mulheres, exigimos os nossos direitos como seres humanos e queremos viver uma vida livre de violência, dormindo em paz e sem temer agressões constantes do marido ou companheiro, que devem ser quem presta apoio e solidariedade. Hoje em dia, nós as mulheres, denunciámos a violência doméstica como um dos mais graves atentados aos direitos humanos das mulheres e como uma forma de controle para manter a dominação feminina.

Depreendo destes excertos que a emancipação das mulheres, segundo as suas autoras Moçambicanas, está, intrinsecamente relacionada com, a ausência de violência sobre si, os seus direitos humanos e o fim do controlo das mulheres pelos homens. Atrevo-me a afirmar que, até aqui, parece estarmos partilhando, sem percalços de maior, ideias, conceitos e representações. No ‘Protocolo à Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos Relativo aos Direitos da Mulher Africana’ (Fórum Mulher, 2006, p.101) declara-se solenemente no preâmbulo que:

- Reafirmando o princípio da promoção da igualdade entre os homens e as mulheres consagrado no Acto constitutivo da União Africana, na NEPAD e noutras pertinentes – Declarações, Resoluções e Decisões, que realçam a determinação dos Estados Africanos em garantir a plena participação das mulheres africanas no desenvolvimento de África, como parceiras em pé de igualdade;

- Reconhecendo o papel crucial das mulheres na preservação dos valores africanos, com base nos princípios de igualdade, paz, liberdade, dignidade, justiça, solidariedade e democracia.

Mais uma vez, podemos considerar que a emancipação das mulheres é definida em termos de igualdade, plena participação para a preservação dos valores africanos. Temos assim, uma amplificação relevante dos termos em que uma mulher é e é reconhecida como emancipada: não sofre e não teme qualquer tipo de violência, não é exercido controlo sobre ela, participa plena e igualmente na sociedade e na preservação dos seus valores próprios. Creio que podemos concordar que esta é uma imagem, que contém uma definição de emancipação que ainda nos governa e, atrevo-me mais uma vez a dizer, que nos une no seu essencial.

No entanto, sei que mundo é muito maior e que muitos outros conhecimentos e experiências entram em jogo nesta discussão. Para continuar esta discussão, vou-me socorrer dos desafios que me foram sendo feitos pelo meu trabalho de campo nos últimos anos em três continentes diferentes. O primeiro resumo-o num parágrafo que escrevi ao regressar de mais um dia de trabalho no mercado de Xipamanine em Maputo, Moçambique (AMAL, 2009-2019, p. 91),

Vai ser um rodopio na minha cabeça porque ali as coisas estão muito mais próximas do que conseguimos saber e sequer imaginar. Imaginem um labirinto que não é. Imaginem trinta lojas de medicamentos como incensos, gorduras, tónicos, cascas, madeiras, óleos, amuletos e muitas outras coisas que não sei nomear. De repente, nas estruturas palafíticas (paus finos e escuros e ainda por cima totalmente irregulares, exactamente como as árvores os deram) surgem televisões de último modelo ligadas e, defronte, a secção das malas de viagem iguais a de uma qualquer loja em que cada uma e um de vós costuma comprar as suas. É uma impertinência até porque os corredores de terra têm para aí metro e meio de largura e estão apinhados de pessoas que podem comprar ou encomendar qualquer coisa.

Ali, nos mercados, as mulheres falam três e quatro línguas, fazem cálculos em várias bases passaram e conhecem vários regimes políticos, ajustamentos estruturais, neo-liberalismo, partido único e pluri-partidarismo, colonialismo, revolução e desilusão; a maioria passou por muita terra, duas guerras e têm várias profissões. É preciso pedalada.

Parece-me assim apropriado aumentar o campo de foco da lente sobre a emancipação: mulheres empresárias, políglotas, com experiência relevante em vários regimes de opressão e de libertação, diversificada experiência profissional e domínio de operações matemáticas de aplicação essencial à gestão quotidiana dos recursos. [Talvez seja, neste momento, que comecem a surgir, entre nós, alguns danos irrecuperáveis nas películas das nossas imagens tão

certas que estávamos que o mundo da emancipação das mulheres estava ali gravado para sempre]. Em segundo lugar, gostaria de ter o prazer de vos apresentar a Esmeralda, empresária de serviços domésticos em Maputo e residente no Bairro de Magoanine na periferia da capital de Moçambique na estrada de Marracuene.

A Esmeralda tem dois filhos, Tomazito e Pedro e uma filha, a Edna. A Esmeralda é uma das três esposas do seu marido. A cerimónia de anelamento – casamento – foi um dos momentos mais importantes da sua vida porque escolheu aquele homem para marido e está testemunhada em fotos lá em casa em lugar de destaque. Junto à casa tem uma machamba onde planta milho, batata doce, m'boa (também se diz abóbora em português) e tudo o mais que precisa. Tem casa de banho devidamente perto da torneira e longe do resto da casa. A Esmeralda trabalha desde que terminou os estudos e é independente economicamente da família desde os 15 anos de idade. Fala, escreve e lê três línguas. Não quer ter mais filhos e por isso toma, rigorosamente, a pílula anti-concepcional e é apoiada pelos conselhos dos médicos e das vizinhas. A Esmeralda define-se assim (*Ibidem*, 189): “- Eu sofro de alegria!”

Mas conhecer a Esmeralda é mais do que isto. É a metamorfose, digo melhor, é o exercício permanente e clarividente do escrutínio entre as raízes e as opções, para usar uma expressão feliz de Boaventura. Permitam-me voltar a um pequeno excerto das minhas notas de campo (*Ibidem*: 371-379).

Sempre com calma e com tranquilidade a Esmeralda foi pedindo a cada um dos filhos pequenos serviços e quando me dei conta havia uma mesa cá fora com pratos colheiros salada condimentos cerveja e copos. Veio a xima nos pratos a fumar e a cheirar a coco, a galinha grelhada num prato coberto e, antes de tudo, uma bacia, água e sabonete para lavar as mãos. Pedrito com 17 anos organizava dentro de casa e, seguindo as suaves indicações da mãe, ia aparecendo com tudo, recolhendo pratos e acessórios, colocando mais cerveja fresca na mesa. Tomazito dava o apoio de retaguarda dentro de casa. Saía e colocava as chinelas, entrava e tirava as chinelas para prevenir lixos e outras coisa mal-vindas em casa. Pedrito foi quem organizou e serviu o almoço com toda a delicadeza e silenciosamente, enquanto a mãe estava sentada comigo depois de se lavar e mudar de roupa. A mãe era uma senhora. Não se levantou nem só uma vez nem precisou pois Pedrito, Tomazito e Edna conhecem bem o protocolo e as regras da boa educação.

A Esmeralda não tinha frio na sua blusa verde relva. Tocou o telefone dela e ela tirou o telefone do seio e falou com o papá mais uma vez que pedia desculpa mas ainda estava retido no trabalho. Não faz mal disse ela. Nós estamos aqui, eu e a minha amiga Tetê em casa da Joana. Já vira fazer aquilo no mercado à Mamã Alice: a perfeita combinação entre o que nos convém da tecnologia mais moderna e dos hábitos mais decalcados de geração em geração. Assim a mamã de lenço na cabeça que há bocado, junto ao fogão de brasas, mexia a xima com uma colher de pau é também a jovem mãe de dois filhos e uma filha

em jeans, blusa de seda com sandalhinhas a condizer usando celular, poliglota, agricultora, empresária dos seus serviços, gestora de casa e de sentimentos. É a mesma que fala ronga, xangane e português e sabe como usar ortografia para tentar traduzir, pelo menos para mim, aquele assobio que está dentro da palavra uswa, ou seja, xima. Também é a mesma que é a terceira mulher de uma família polígama e que diz e reitera que sofre de alegria.

Ora ali estava uma harmonia poli-racional e a lucidez de um espírito aprendente e pragmático a funcionar no seu pleno juízo.

Será que a Esmeralda cumpre os requisitos de uma mulher emancipada segundo o Protocolo e Movimento acima citado? Será que a Esmeralda desconstrói e reconstrói os conceitos e as imagens que transferimos dessas palavras e das nossas epistemologias feministas, ou vai mais longe, acrescentando, rompendo, amplificando, mostrando que há versões não incluídas de liberdade e poder das mulheres que é, como eu argumento, o núcleo duro da sua emancipação? Corro o risco de deixar a pergunta por responder, por agora.

A terceira personagem que gostaria de evocar é Reinata. Reinata é uma conhecida artista Maconde que agora vive e trabalha em Maputo. O seu atelier é no Museu de História Natural, lugar onde começa a carreira do chapa que vai até ao mercado do Zimpeto. Ela coze as suas peças nos fornos do Núcleo de Arte que fica numa rua contígua. Essas ruas e esses espaços são habitados pela Reinata e pela sua arte Maconde, no coração da cidade Xangana. Cada peça feita por ela pode custar entre 3000 a 6000 meticais, ou mais. Há quem diga que ela é explorada pela família que acaba por lhe tirar todo o dinheiro que consegue com as suas peças de arte. Não sei se é verdade ou não; mas sei que a imaginação artística dela é muito mais potente do que qualquer rumor e transtorna a nossa estreiteza conceptual de emancipação (*Ibidem*, 173),

Figura impressionante. Claro que compreende português mas faz de conta que só compreende e fala Maconde. Contudo ela tem realmente peças muito bonitas na sua oficina super simples e mesmo pobre. Sabe negociar e o negócio fica ainda mais interessante porque ela usa a D^a Judite como intérprete como se não entendesse nada das propostas que lhe são feitas. Um mimo de tradição na rudeza do barro numa mistura indelével com os hábitos modernos de se deixar capturar para ser fotografada como a autora daquela peça 'exótica' de arte que se coloca em casa, sinal do longe, do diferente, do que não se entende nem é preciso.

A Reinata é uma grande artista e uma grande atriz.

É a Reinata uma mulher emancipada? Uma artista de artes várias; uma transformista do barro e de si mesma; uma mulher que atravessa tempos e territórios e conhece como ninguém as artes de ser independente apesar de todas as correntes que lhe estavam destinadas.

A segunda questão prende-se com o poder, ou seja, a emancipação das mulheres está, irremediavelmente, ligada aos seus poderes. Por um lado, há quem argumente que a emancipação das mulheres é o exercício de um contra-poder, o do atávico e omnipresente patriarcado. Por outro lado, eu argumento que se trata mais do que um contra-poder mas o efectivo e quotidiano exercício dos poderes das mulheres – porque, mais uma vez, este conceito deve ser plural.

Como aprender com o Sul implica o esforço da poli-racionalidade surpreendo-me a pensar que o poder pode vir de baixo e não pode ser visto nem entendido como uma entidade, uma possessão ou uma instituição separada ou independente de um conjunto de relações onde ele é exercido. Este aspecto relacional do poder, ou dos poderes, é interessante para poder pensar a emancipação das mulheres porque nos obriga a situar, a descortinar lugares e tempos de enunciação que têm geografias epistemológicas, memórias e representações diferentes do sempre presente poder patriarcal.

Deste modo, sugiro que tomemos como ponto de partida, as palavras, os termos com que algumas mulheres definem os seus poderes. Os termos que emergem da narração das suas biografias estão imersas na complexa capilaridade de relações de poder assentes em idade, género, raça ou estatuto social. Elas usam estratégias em que se sobrepõem padrões de idealismo e pragmatismo e que são povoadas de aceitação, oposição, humildade e raiva, mas que constituem, quase sempre, dinâmicas de antagonismo. Com uma forte capacidade de infiltração nas comunidades, estas mulheres têm sabido submeter-se, resistir, encontrar alternativas, pensar sobre si mesmas e exercer os seus poderes. Maria Lúcia designa, assim, esta realidade (AMAL, 2009, p. 753),

O poder das mulheres é aguentarem o sofrimento, o poder para aguentar a dor e as dificuldades. Esse é uma enorme poder das mulheres. As mulheres ocidentais deprimem e é muito diferente de nós que temos muito mais poder para aguentar. Para resolver os conflitos e educar as pessoas é preciso falar sempre baixinho e com ternura. Nunca levantar a voz. Ou seja, levantar a voz dizer ser firme e frontal sem levantar a voz em termos de tom e volume.

As palavras de Maria Lúcia, empresária de fritos em Timor-Leste, como se gosta de chamar, estão a ser, certamente, controversas e a multiplicar os questionamentos. Mas elas concretizam de uma maneira clara, a meu ver, o que Hanna Arendt diz serem as duas características do poder, em contraposição à violência: poder é energia e vigor (ARENDDT, 2001, p. 13-14). Energia para aguentar; o vigor necessário à firmeza para ensaiar o

levantamento da voz sem a levantar.

Fátima Gomes, pastora evangélica de uma pequeníssima comunidade da Ilha de Ataúro em Timor-Leste, propõe uma análise dos poderes das mulheres ainda mais difícil. Contudo, podemos ver que as palavras de Fátima dizem que, num contexto concreto de um enorme desequilíbrio das relações de poder, trazem à luz as estratégias de resistência. Nas palavras dela (AMAL, 2009-2019, p. 155),

É certo que há coisas que as mulheres conseguem fazer e os homens não. Não me refiro apenas àquelas que parecem inevitáveis como dar à luz e amamentar; mas sim manter a calma, a serenidade, ser capaz de ir aonde todos têm medo para negociar alguma coisa, não se excitar e colocar tudo a perder em caso de conflito grave, não usar a força como meio de resolver as coisas.

Alguns homens vieram falar comigo para tentar continuar a viver com a memória de terem aberto as barrigas das mulheres para tirarem de dentro dos úteros as crianças e matá-los contra as pedras ou estrangulando mãe e filho. Também contam como mataram homens e jovens inocentes estrangulando-os depois de os ferirem de catana.

Só uma mulher pode ouvir estas coisas sem ficar a odiar e sem perder, de novo e logo, a cabeça.

As mulheres, sim, são fortes. De uma força visível nos seus actos de reconstruir sempre as casas, procurar alimento e distribuir alimento mesmo quando escasseia muito. As mulheres é que são fortes pois suportam todas as dificuldades e sofrimentos e nunca desistem das suas famílias.

Como já afirmei anteriormente, o meu argumento é que a emancipação das mulheres está intrinsecamente relacionada com os seus poderes. Poder enquanto energia e força; poder enquanto competência e capacidade; poder enquanto autoridade, legitimidade e reconhecimento; poder enquanto resistência ao sofrimento; poder enquanto antagonismo à dominação e às dificuldades. Ainda que uma parte relevante destes poderes se exerça nos obscuros e ambíguos espaços da família e da espiritualidade.

Não é de espantar que muitas tenham aprendido a obliquidade e a saber usar a obscuridade e a ambiguidade para construir as suas manhas, os seus disfarces desenvolvendo competências de estreito relacionamento com a clandestinidade e aprendido a evitar o olhar e a visão. Porém, uma das mais preciosas contribuições do pensamento feminista quando proclamou que *o privado também é político* resgata, no meu entendimento, o valor eminentemente político destes poderes, considerados ainda *de sombra* porque forjados na esfera do privado por sistemas de opressão, vulnerabilização, silenciamento e violência. Mas é, aqui neste ponto, que os estes poderes se transfiguram em competências de antagonismo, resistência, alternativa e emancipação quebrando essa dicotomia terrível entre privado e

público, familiar e político. Os poderes das mulheres não se subsumem na plena participação política e no desenvolvimento preconizados por valores *com base nos princípios de igualdade, paz, liberdade, dignidade, justiça, solidariedade e democracia*.

Os poderes de muitas mulheres também nem sempre estão ligados à idade, ao sexo, e ao género. Ou seja, na sua versatilidade, as mulheres e os poderes que engendram vão criando fracturas, dissensões, transgressões, tanto no pensamento como na prática e na teoria. Creio que disto é bem elucidativo a estória da entrevista à Vovó Betuxa, empresária informal e vendedeira de *verdúzes* no Bazar de Xipamanine em Maputo (*Ibidem*, p. 120-122).

Então a partir de um certo momento estávamos com umas sete mulheres e a Vovó Betuxa sentada na cadeira principal. A conversa começou e logo aí a Vovó começou a dizer que não queria falar português primeiro porque não sabia e depois porque estava cansada. Ela falava e fazia uma pergunta em ronga a que todas as mulheres respondiam dando o seu assentimento ou mostrando a sua concordância num coro bem afinado. Às perguntas não havia respostas a não ser, não entendo, não sei... seguidas de um coro de mulheres que de caras fechadas corroboravam as frases da líder. Num certo momento e com alguma impaciência a conversa começou a ter o tom da vitimização: somos as mais pobres dos pobres, não temos nada, o que precisamos é de apoio, é de dinheiro, não precisamos de conversas. O encontro estava a tornar-se impossível. Naquele momento o que me moveu, principalmente, foi ter a noção de que a sua pobreza era de facto absoluta e as suas necessidades eram reais. Ponderei durante alguns minutos sobre as regras das entrevistas e, como sempre me pareceu um pouco estúpido - digo mesmo assim - pretender que entrevistadora e entrevistada se devem desocupar uma da outra, que a objectividade não se emociona nem se deixa influenciar, que a ciência precisa tanto de pureza e desprendimento como de disciplina, acabei por resolver arriscar dar dinheiro com o assentimento tímido e precipitado da Telma.

Nesse momento escutei a Vovó dizer:

- Eu sou esperta!

Ela tinha conseguido e, nesse mesmo momento, experimentei o seu poder. Se eu quero perceber que poderes e como os usam as mulheres que os têm ali se passou uma peça brilhante de observação participante e deixei-me render ao poder e à inteligência daquela Mamana. Ela usou o discurso, o cenário, o coro das mulheres para obter aquilo que queria e tinha-me avaliado muito bem.

Se estou arrependida de lhe ter oferecido 500 mt? Nem um pouco. Estou certa que compreendi com aquilo que se passou muito mais sobre os poderes, as subtilezas, as manobras das mulheres do que com as entrevistas purificadas que poderia ter feito a cada uma delas.

Em seguida houve palavras e respostas que bem vistas as coisas não acrescentaram muitas ideias; cantaram e abriram os rostos em sorrisos. O ambiente transformou-se e a mamã Rabeca, ou Vovó Betuxa, continuou a controlar a situação mas naquela altura com o meu consentimento e com o meu entendimento, pelo menos parcial, do que se estava ali a passar.”

Talvez só não seja claro para mim. Mas, do meu ponto de vista, todos estes poderes são políticos e são essenciais às comunidades humanas contrariando, sem pudor, um certo e

moderno imaginário e pensamento de poder epitomizado, mantido e memorizado em figuras como são todos os heróis da pátria. A recusa das dicotomias entre privado e público, presentes nos termos, nos métodos, nos conceitos pensados e utilizados por elas são, precisamente, o que cada destas mulheres não tematiza porque lhes é dispensável e irrelevante.

Em Portugal, no interior empobrecido do país as ‘Capuchinhas’ – uma cooperativa de mulheres – também nos colocam no eito das perguntas geradoras de artes de pensar de outra maneira a emancipação das mulheres. Quando se iniciou o curso de ‘Corte e Costura’, Cidália, Henriqueta e Ester foram para o Porto para participar nessa acção de formação sobre o tema ‘Gestão Profissão Mulher’, financiada pelo Fundo Social Europeu.

Esta formação na cidade do Porto visava preparar as mulheres para o seu processo de independência económica. Isso incluía, entre outras coisas, dar-lhes competências práticas de gestão para que pudessem contabilizar os custos de produção e calcular o valor e o preço final dos seus produtos, informá-las dos passos e documentos necessários ao processo de legalização das suas actividades e de como abordar e lidar com potenciais clientes. Para além disso, fazia parte do projecto formativo abordar um tema muito particular, e desafiante para a época, que se denominava: Ser Pessoa e Ser Mulher. Pretendia-se trabalhar com as subjectividades destas mulheres levando sempre em linha de conta e respeitando a sua própria maneira de ver o mundo e a vida. Isso emergia de muitas maneiras e uma das que mais incomodou as formadoras feministas vindas de foi o facto de não entenderem porque se separavam as tarefas de aprender e ensinar das tarefas que alicerçavam a vida do grupo e porque, os trabalhos considerados domésticos, deveriam ser considerados um dos entraves à sua emancipação. Uma delas conta que:

Elas, nos intervalos das sessões de formação entravam no refeitório para dar apoio à confecção das refeições. Na nossa maneira de ver as coisas, apesar da abertura que queríamos manter a estas subjectividades femininas, era preciso fazê-las compreender que, ali, cozinhar não era da sua responsabilidade. A única maneira de o conseguir foi ocupá-las ainda mais com temas de formação como por exemplo o do planeamento familiar.

O que é pessoal também é político está muito bem tematizado nesta lembrança e nesta descrição. De um lado vemos que elas levaram para essa formação no Porto aquilo que muitas feministas na altura não podiam entender ainda: a falácia da separação entre o público e o privado, a formação e a vida, a arte e o ofício. Elas mostravam no seu modo simples de organizar

o tempo e as coisas que, afinal, todos os trabalhos das mulheres eram produtivos porque eram necessários e contribuía para o bem viver de todo o grupo. Mais uma vez a visão sobre a vida e as práticas destas mulheres colocavam em causa a racionalidade da separação e da categorização que não capta nem as complexidades nem as articulações de que a vida é feita. Por outro lado, contradiziam, com os seus actos, a maneira hierárquica com que se pensam as pedagogias e a formação: há corpos aprendentes, corpos ensinantes e outros corpos que, estão lá, mas devem continuar a ser o mais invisíveis possível. O grau de subversão da iniciativa delas em deixarem o espaço da formação para irem para a cozinha e colaborar nas refeições constituiu um grande incómodo para as formadoras feministas da Comissão para a Condição Feminina. Elas estavam convictas que as estavam a resgatar das suas opressões oferecendo-lhes o conforto de não realizarem qualquer tarefa subalterna, como cozinhar. Mais ainda, elas sentiram necessidade de as ocupar com os temas que elas consideravam realmente relevantes para a sua definitiva libertação do que achavam ser obscurantismo rural: o planeamento familiar. Todo este episódio é uma peça de grande valor heurístico quando desejamos trazer à luz o quanto de colonial continua inscrito nas racionalidades, mesmo as feministas.

Na sequência destas acções de formação o projecto previa o apoio de uma estilista para acompanhar cada um dos grupos de artesãs que, entretanto, se iam formando. Helena Cardoso, com tradição familiar na área da indústria têxtil, foi seleccionada para trabalhar com estas mulheres. Rapidamente se apercebeu que, apesar dos esforços feitos pela CCF, a formação que tinham tido no Porto estava muito longe da vida real e concreta destas camponesas e das suas aspirações e, nem tinha percebido, como se dizia, emancipação, para elas. Tudo isto ficou claro logo num dos primeiros dias de contacto com elas durante o qual pediu a cada uma que seleccionasse uma foto que mais se identificasse consigo. Helena sentiu, nesse momento, como os preconceitos, também os seus, sobre estas mulheres, eram poderosos porque se espantou com a escolha da Henriqueta:

Nunca vou esquecer que a Henriqueta escolheu uma foto do 25 de Abril que tinha no seu centro a frase:

Nós queremos tudo!'. E acrescentou:

Eu quero tudo e quero ser eu a dizer o que é, tudo, para mim.

O meu terceiro questionamento é, do meu ponto de vista, o mais difícil de tratar e de analisar. Ou seja, procurar, reconhecer e pensar, como emancipatórias, experiências díspares, diferentes, não-alinhadas, demasiado locais, demasiado biográficas não pode resultar numa

fractura conservadora do acervo mundial da emancipação das mulheres e do reforço da hegemonia masculina?

A esta pergunta junto uma das reflexões que a vida das vendedeiras de rua de Maputo e Dili me suscitaram e que é a seguinte (Ibidem, p. 217-218),

Pode-se argumentar que a pobreza empurra aquelas mulheres para as beiradas dos passeios muitas vezes em cima de charcos fétidos e de lama preta. Estão ali a vender alguns tomates e umas quantas tangerinas. Se passarmos às oito da manhã elas estão lá com o seu pano estendido e os seus produtos arrumados. Se voltarmos a passar às cinco da tarde, não é incomum vê-las no mesmo sítio e com os mesmos tomates e tangerinas, igualmente arrumados nos montinhos ainda por vender.

Pode-se dizer que a pobreza destas mulheres as fixa aos charcos nojentos da cidade e que as beiradas que ocupam são mais do que um buraco no passeio: são realmente a margem, o limite, o único lugar que encontraram para si.

Mas também há uma outra forma de pensar sobre a mesma coisa.

A Dona Isa disse-me que arranjava uma banquinha para vender as suas costuras. Ela prefere sair de casa; ela prefere a rua do que ficar a ver passar as horas junto de uma casa sem nada, sem machamba para trabalhar e produzir.

Algumas mulheres dizem que assim saem das suas casas, aprendem a lidar com a cidade, podem ganhar algum dinheiro, arranjam-se o melhor que podem para não perderem a dignidade junto das outras. Assim convivem, conversam e algumas começam a pensar em voltar para a escola quando as oportunidades surgem. Ali vêm passar os carros engolem os fumos, contraem doenças, podem ser escoraçadas e batidas pelas polícias ou ladrões mas a insistência com que permanecem ali talvez nos conte uma história de pobreza, de trágico ganha pão mas também uma escolha arriscada, corajosa e determinada.

É esta ambivalência que é intrigante. Aparentemente sem escolhas, pode-se dizer que algumas destas mulheres afirmam ter conseguido dar passos de qualidade nas suas vidas. E quando conseguem um metro quadrado no mercado informal, um lugar nos xitiques semanais e um avental de vendedeira, o caminho realizado é muito mais do que as nossas pobres cabeças estão treinadas para pensar e imaginar. Não fecho os olhos à pobreza e à injustiça estruturante do modelo económico e de desenvolvimento capitalista. Nem tão pouco me passa pela cabeça encontrar justificações para este estado de gentes. Não me conformo nem desisto de pensar que crise, a verdadeira crise, é deixar tudo como está. A violência está visível e é incontornável. Mas o olhar de Zumurrud impõe-se inevitável e fala:

- Hei-de conseguir!

Estas minhas notas de campo não resolvem o assunto. Pelo contrário, lançam ainda mais perplexidades e problemas analíticos para a discussão. O meu propósito é mostrar como se pode tornar contraditória e infundável esta discussão. Contudo, o meu grande objectivo é contribuir para um pensamento feminista aprendente e humilde que não se satisfaz com as categorizações e definições que tanto têm vindo a ser usadas. Do meu ponto de vista, não são apenas os contextos, os lugares de enunciação que exigem um pensamento refrescado e novas teorizações. São também os limites endógenos das nossas teorias de vanguarda, modernas e

prescritivas que povoam os livros, as mentes, os imaginários, os slogans e que, indelevelmente, vão decidindo quem é, ou não é, uma mulher emancipada.

Todo este trabalho de campo de mais de uma década consolidou a minha convicção de que o pensamento feminista, nas suas diferentes versões, também pode ser imperial e colonial convertendo as pluri-versalidades em prescrições universalizantes. No entanto, não se trata de desperdiçar ou contrapor uma nova norma ou prescrição feminista. Neste momento, com base num pensamento que está sempre a rodar dentro de mim, interpelado por todas estas mulheres de Maputo, Dili e Campo Benfeito com quem estive e trabalhei nestes últimos anos, apenas vos proponho três chaves teóricas para começar a construir aquilo que Santos (2018) tem vindo a chamar *as Epistemologias do Sul*.

a) Uma SOCIOLOGIA DOS RESGATES que pensa o lugar do passado no presente e uma ecologia da enunciação da emancipação - porque esta tem que ser compreensível, concreta e resultar na felicidade das pessoas. Uma sociologia dos resgates pretende redescobrir e resgatar do tecido social e dos imaginários tudo aquilo que tem sido encoberto e olvidado mas que já mostrou ser útil, eficaz e capaz de se transfigurar em novos conhecimentos e tecnologias de emancipação pessoal e colectiva. É, particularmente, importante em sociedades marcadas por episódios de grande violência e destruição e cujas políticas de memória nem sempre respeitam as vítimas nem os ganhos emancipatórios de antes. Pensar assim a emancipação das mulheres através desse resgate sociológico remete-me para o seu carácter performativo e exemplar: umas para as outras, umas das outras, umas com as outras, as mulheres constroem as suas próprias formas de emancipação.

b) Uma SOCIOLOGIA DA AMBIGUIDADE que sustente e suporte percursos e projectos desalinados e incertos quanto aos métodos e aos resultados. Ou seja, tornar a instabilidade numa categoria sociológica. As vendedeiras da lama, as Delfinas, as mulheres que não querem perder os seus maridos por causa da carreira, das crianças ou outros motivos; as mulheres que sustentam as casas, as famílias e inventam ciclos de agricultura familiar no quintal de trás, mais negócios e projectos de vida, onde estão, na literatura? Ainda que não saibam discursar ou escrever ensaios, lembro-me que sabem línguas, matemática, gestão e economia, e muitas vezes são peritas na resolução de conflitos. Algumas são as que usam as mais bem sucedidas técnicas de harmonia hostil e greves de silêncio dentro de casa mas nem sempre gostam de intervir numa discussão pública ou participam numa campanha. Aquela ambiguidade que sentimos nas suas escolhas e métodos não será, sobretudo, o nosso medo de não entender, de não controlar, categorizar e arrumar nas nossas tão claras teorias feministas?

c) Uma SOCIOLOGIA DAS CAIXAS DE RESSONÂNCIA que pensa as formas de amplificação de cada uma das vozes e gritos para que nenhuma pessoa se possa sentir desamparada; procura formas e teares simbólicos, imateriais e físicos de união, cooperação, questionamento e compaixão. O grande

desafio permanece então no diálogo, no sentido mais profundo do termo, ou seja, como colocar duas ou mais racionalidades em inter-acção, a ler-se, a interpretar-se, a apaixonar-se sem que uma ou outra se mostre interessada e activa em se impor. As caixas de ressonância precisam de hermenêuticas de responsabilidade mútua e compaixão. Compaixão não no sentido de piedade mas no sentido de saber sentir com, ou seja, a competência humanizadora e plurilógica de não separar a investigação da acção, a mão do pensamento, a ética da vida, os princípios da existência concreta das criaturas.

Notas de arremate

Neste trabalho procurei dar corpo a algumas das interpelações e reflexões que os meus trabalhos no campo me têm suscitado. Formulei-as em três questões de partida: quem é uma mulher emancipada? O que são os poderes das mulheres? Localizar, biografar não pode reforçar a discriminação e a dominação sobre as mulheres? O meu exercício foi argumentar através de outros termos e de outras formas de entender e de exercitar a razão ou a desrazão das coisas. Conte para isso com as histórias e as lições aprendidas com as mulheres com quem tenho vindo a trabalhar e a conversar e ainda com as muitas reflexões que fui fazendo e faço. Quero acabar este ensaio com uma última reflexão e que considero o texto deste texto. Aprendi em Moçambique, com uma mulher, que

- A guerra em Moçambique, não serve apenas para destruir as pessoas, as infra-estruturas, a economia e fazer transferência de poder entre grupos e interesses. A guerra serve sobretudo para destruir a memória da revolução, do que juntos conseguimos fazer, com tão pouco e com tão pouco respeito de quem nos observava, cinicamente.

Ao chegar a Dili, repetiu-se o mesmo amargo de boca que tivera em Maputo. A cada mulher a quem perguntei quais eram os momentos em que ser mulher era importante, que poderes tinham dentro e fora da família, a mesma hesitação e o mesmo silêncio. Tornara-se impensável e impronunciável. Claro, pensei eu. As mulheres e as meninas são as mais pobres, as maiores vítimas de violência em tempo de guerra ou fora dela, em casa ou na rua, são as que trabalham mais e menos rendimentos têm. Elas são, sem dúvida, as subalternas, as margens das margens, as silenciadas. Passados alguns dias comecei a ver. E vi o quê?

Eu compreendo que me odeiem pelo resto dos vossos dias mas será que veremos tanto, falarmos tanto, escrevermos, estudarmos tanto, sublinharmos as vítimas que elas são - e como são! - não pode ser

Há lugar para um feminismo pós-colonial? Betuxa, Cidália, Esmeralda, Ester, Fátima, Isa, Henriqueta, Maria Lúcia, Renata e Zumurrud e as suas artes de pensar de muitas maneiras a emancipação das mulheres

como a guerra? Destrói a memória, destrói as palavras, destrói o poder das mulheres para se emanciparem, pensarem-se e fazerem-se feministas do seu tempo, do seu lugar e da sua imaginação social. Então voltemos às palavras, sabedorias e experiências de Betuxa, Cidália, Esmeralda, Ester, Fátima, Isa, Henriqueta, Maria Lúcia, Renata e Zumurrud e às suas artes de pensar de muitas maneiras a emancipação das mulheres

Referências

AMAL, Teresa. **Never Trust Sindarela**. Diário de Campo (mimeo). (2009-2019).

ARENDDT, Hanna. **Sobre a Violência**. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2001.

FÓRUM MULHER. **Compilação de Instrumentos Internacionais e regionais de defesa dos direitos Humanos das Mulheres**. Maputo: Fórum Mulher. Coordenação para a Mulher no Desenvolvimento, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. **The End of the Cognitive Empire**. The Coming of Age of Epistemologies of the South. Durham and London: Duke University Press, 2018.

Recebido: 12/12/2019

Aprovado: 20/12/2019

Publicado: 31/12/2019